

ALGUMAS NOTAS SOBRE O INTEGRALISMO

*Marly de A.G. Vianna**

1. Introdução

Ao estudar o integralismo dos anos 30 do século passado minha idéia foi a de entender, através do movimento da Ação Integralista Brasileira (AIB), a consolidação do pensamento de direita no país.

Seria útil resumir as visões de mundo de Azevedo do Amaral, Alberto Torres, Farias Brito, Jackson de Figueiredo, Otávio de Farias e, em especial, Oliveira Vianna, que foram aqueles pensadores mais citados e reivindicados pelos teóricos da AIB, mas alongaria muito o texto. A importância do exame das idéias que precederam as teses integralistas não é apenas uma questão de organização cronológica, mas uma opção metodológica: a consideração de que a ideologia da AIB foi elaborada primordialmente a partir do pensamento de direita já existente no Brasil. Se bem tenha sofrido influência e reforço do pensamento nazi-fascista, em especial do fascismo italiano, o integralismo teve suas raízes teóricas plantadas e adubadas no pensamento autoritário e de direita aqui existente.

Neste artigo quero tratar principalmente de uma questão intrigante, diretamente ligada à AIB: como um discurso incoerente - do ponto de vista da racionalidade, da realidade histórica e pela discrepância entre idéias e prática - pôde empolgar tantas pessoas? Onde encontrar o nexo que justifique a aparente incongruência?

2. O pensamento sobre o Brasil

Já muito e bem se escreveu sobre o integralismo e quero apenas, de início, assinalar alguns pontos que compuseram o ideário da AIB, destacando sua ambigüidade; ambigüidade esta que levou a várias leituras de seus pontos programáticos, como o trato da "brasilidade", permitindo uma leitura sobre o nacional que empolgou muita gente.

Os integralistas faziam sobre o Brasil um diagnóstico severo, mas previam um futuro radioso se sua doutrina fosse vitoriosa. Constatavam nosso atraso, cujas causas econômicas estariam no individualismo do regime capitalista, no fato de socialmente não constituirmos uma sociedade, na incultura do povo e seu

analfabetismo, na canalhice dos políticos, na faltava religião, de valores morais e familiares.

Por outro lado, diziam, nosso povo tinha a potencialidade para vir a ser o melhor dentre todos os povos, bastando dirigi-lo para a construção da sociedade integral. Para isso o catolicismo era imprescindível pois a religião, juntamente com a pátria e a família, seriam os pilares da nova sociedade, cujos valores superariam as divisões político-partidárias ou de classe.

Os integralistas diziam ser contra o individualismo capitalista, uma afirmação tão retumbante quanto vazia: deblateravam contra o imperialismo (que viam comandado pelo judaísmo internacional), mas não tinham nenhuma proposta econômica que ameaçasse suas bases. Muitas vezes esse antiimperialismo aparecia mais como um anticapitalismo saudoso de um passado idílico. O apelo à tradição, o peso do conservadorismo – e o conseqüente anticomunismo – conseguiram aglutinar boa parte das camadas médias urbanas, da pequena burguesia e até de setores da classe operária.

O pensamento conservador, autoritário e antiliberal, criticava a realidade política e social do país não a partir de uma análise minimamente científica, mas a partir de jargões que acolhiam os preconceitos próprios do senso comum espalhados na sociedade (tais como o anticomunismo) e apelando a “valores cristãos”, de “nossas tradições democráticas” e/ou “valores da nacionalidade” que nunca foram bem explicados.

Os chefes integralistas trabalharam com o medo de significativas camadas da população às mudanças, às transformações (às revoluções), e assimilavam tais temíveis mudanças à democracia que precisava, pois, ser combatida - daí a necessidade de um Estado forte e antiliberal e daí também as propostas de obediência cega ao chefe e a absoluta hierarquização da sociedade.

O tema dos preconceitos é pertinente ao assunto, uma vez que a teoria integralista está cheia deles. Agnes Heller mostrou como o preconceito pode “afirmar a ‘onipotência’ de determinado dirigente”, fazendo com que a fé substitua a confiança (Heller, 1972:5). Entre inúmeros exemplos, tirados de documentos integralistas, podemos ler:

A Ação Integralista Brasileira[...] reconhece e proclama a absoluta insubstituibilidade de PLÍNIO SALGADO na Chefia Suprema Nacional e em

caráter perpétuo [...] e jura-lhe solenemente, sob o SIGMA, obediência e fidelidade formais, diante da vida ou da morte. Pelo bem do Brasil, ANAUÊ, Plínio Salgado! (Estatutos da AIB, 1934)

O nacionalismo, uma das características marcantes do integralismo, foi interpretado de diferentes maneiras pelos teóricos da AIB. Hégio Trindade destaca que “além da concepção espiritualista da história o nacionalismo é a dimensão mais abrangente da ideologia integralista” (Trindade, 1979:361). Em Plínio Salgado era um nacionalismo intelectual e romântico, de onde parte uma outra dimensão, “o sonho do Império inspirado no mito da civilização desaparecida da Atlântida”. (Idem) O nacionalismo de Gustavo Barroso tinha um conteúdo econômico antiimperialista e anti-semita que privilegiava o corporativismo e o de Olbiano de Mello destacava a importância do corporativismo: “Quem diz integralismo diz sindicalismo corporativo-nacionalista”. (Idem:323-4)

Os integralistas teorizaram bastante sobre o papel do Estado, que seria principalmente o de promover a unidade nacional, sendo para isso preciso acabar com as divisões de classe e, inclusive, com a existência de partidos políticos, que para eles também representavam uma divisão da sociedade. Esta deveria ser constituída pelas classes produtivas organizadas, deixando de lado a democracia liberal.

Cabe notar o desprezo manifestado pelos integralistas pela política e pelos políticos. Fazer política, almejar o poder e ao mesmo tempo desprezar os mecanismos da democracia liberal – partidos políticos, eleições e o Parlamento como representação política da sociedade – é fruto de um elitismo que leva, necessariamente, ao autoritarismo.

O Estado autoritário foi, sem dúvida, uma forte perspectiva política da década de 30. A crise de 1929 trouxera, com o evidente fracasso do liberalismo econômico, a descrença na política liberal. Não era raro acreditar, como expressava Francisco Campos - que “o futuro da democracia depende do futuro da autoridade. Reprimir os excessos de democracia pelo desenvolvimento da autoridade será o papel político de numerosas gerações” (Medeiros, 1978:11)

Francisco Campos foi um dos entusiastas colaboradores do Estado Novo, para o qual elaborou a Constituição de 1937. Para ele havia “três traços que reúnem os homens – a religião, a família e a Pátria. Mais do que ninguém o comunismo sabe disso. Ele combate os três ao mesmo tempo” (Campos,

1940:154). Considerava fundamentais as questões que, segundo ele, o Estado Novo teve como objetivo histórico resolver:

A modernização e uniformização do aparato judiciário e repressivo; idem, em escala nacional, do serviço público; fortalecimento do poder central, concentrando a iniciativa, formulação, execução e controle de políticas nacionais e regionais no executivo central; regulamentação de um amplo intervencionismo estatal no conjunto da vida nacional, funcionando o Estado como um árbitro supremo, coordenador geral e propulsor da economia capitalista do país; regulamentação e composição das forças sociais da produção econômica nacional por meio da oficialização e burocratização dos sindicatos e da legislação social e trabalhista; lançam bases de uma política de industrialização nos setores básicos de carvão, ferro aço, petróleo e energia elétrica; regulamentação da vida urbana dos grandes centros industriais e comerciais do país; eliminação das instituições políticas liberais, tais como o sufrágio universal, o sistema de partidos; a redução do Parlamento a um departamento administrativo do Estado; restrição das liberdades e garantias individuais e censura à imprensa. (Campos, 1940:215)

O Estado integralista seria o representante de todas as classes sociais. Era o

O Estado é a Nação organizada. É a organização hierárquica e solidária dos indivíduos e dos grupos que empregam esforços com o fim de alcançar um máximo de felicidade pessoal e geral.

O Estado não se confunde com uma classe, nem com um grupo, e só pode exprimir a totalidade da Nação. Por esse motivo, o Estado é soberano, está acima das classes, sendo superior a todas elas pela força de que deve dispor e pelos fins que deve realizar. Falar do Estado burguês ou do Estado proletário, não é falar do Estado, mas de formas patológicas de Estado (Reale, 1935:38-9)

Nos *Estatutos da AIB* constava como uma das suas três principais finalidades, a implantação desse Estado Integral.

Compreende-se por Estado Integral o que realiza:

1º) na ordem política, um regime político social baseado na doutrina integralista ou nacional corporativista;

2º) na ordem econômica o regime da Economia Dirigida, no sentido do predomínio do social sobre o individual;

3º) na ordem moral a cooperação espiritual de todas as forças que defendem a idéias de Deus, Pátria e Família;

4º) na ordem intelectual, a participação de todas as forças culturais e artísticas na vida do Estado. (Estatutos, 1934)

Não é difícil notar que as diferentes definições de Estado são bastante vagas.

3. O Discurso Integralista

Ao tentar organizar as idéias integralistas concordo com Gilberto Vasconcelos quando diz que todo discurso fascista é uma salada teórica, uma vez que "é uma ideologia heteróclita" pelo seu extremo irracionalismo. (Vasconcelos, 1977:260). Concordo também com Karl Mannheim, que diz ser "muito difícil organizar as idéias fascistas numa doutrina coerente. Além de não estar ainda desenvolvido, o fascismo não dá grande importância a uma teoria organizada. Seu programa muda constantemente, dependendo da classe a que se dirija" (Mannheim, 1972:160, nota 26).

O próprio nacionalismo, que perpassa o discurso dos principais líderes da AIB, tem conotações bastante diferentes. O único ponto que uniu o ideário integralista – assim como uniu o nazi-fascismo – foi o anticomunismo. A base para essa miscelânea de idéias está na origem social dos ideólogos integralistas. Se sua pregação e ação estão na prática a serviço dos grandes capitalistas (como foi o caso do nazi-fascismo), os ideólogos e doutrinadores do integralismo são oriundos das camadas médias urbanas, que não constituem uma classe. Sobre isso concordo mais uma vez com Mannheim quando o filósofo húngaro diz que uma classe pensa historicamente, indivíduos sem raízes sociais não. (Idem. 167-8)

O discurso integralista dirige-se a três segmentos sociais: às classes dominantes, que pretendem tranquilizar, acenando com a constituição de um estado autoritário que garantiria a ordem, a paz social e a manutenção da situação vigente. Dirige-se também aos setores mais desvalidos da sociedade: tanto à classe operária mais atrasada quanto aos desempregados e ainda a setores das camadas médias urbanas que temem ou a proletarização ou às mudanças na ordem social. Estes precisam de segurança, numa época conturbada desde a crise dos anos 20, passando pelo movimento de 1930 e desembocando nos anos agitados do início dos 30. O surgimento da Aliança Nacional Libertadora, o prestígio dos tenentes e a maior visibilidade do Partido Comunista do Brasil, em especial através da figura de Luiz Carlos Prestes, acirrou o manipulado pavor ao comunismo. A ordem, o respeito à hierarquia e a preservação de valores tradicionais apareciam com fundamentais para acalmar o pavor a mudanças e revoluções. O chefe era o

pai que se dirigia aos filhos a quem assegurava a proteção contra os males do mundo, contra a besta-fera do comunismo internacional. Plínio Salgado intimiza o discurso, dirigindo-se, como pai e chefe supremo, aos "seus camisas-verdes". A longa citação justifica-se por transcrever um típico discurso integralista:

Meus camisas-verdes!

(...) Quando iniciamos essa campanha, quando lancei a minha idéia, quando éramos um número reduzido, trabalhamos muito, meus camisas verdes! Meus primeiros camisas verdes tiveram um trabalho exaustivo, mas juntamente com seu Chefe, igualmente a seu Chefe, não desanimaram. Trabalhamos confiantes em Deus e com os olhos na Pátria. (...)

Ofereci aos meus patrícios trabalho, muito trabalho e mais o perigo de serem menosprezados, vilipendiados, chacoteados, presos, espancados, deportados, fuzilados até (risos e palmas, delírio). (...)

O dia que comemorarmos as matinas (...) tive a oportunidade, mais uma vez, de verificar a força e a pujança dos meus camisas-verdes (palmas). Às quatro horas da madrugada cheguei à Esplanada do Castelo. Ainda não estava completamente escuro. As luzes da cidade haviam se apagado. Reinava o maior silêncio; somente as ondas do mar quebravam a quietude da madrugada a despontar. (...) A aurora ainda não se pronunciara no horizonte. Tive nesse momento a impressão que estava só, completamente só. (...) Surge a alvorada! O horizonte tinge-se de rosa pálido como um nascer da Lua! Gradativamente vai clareando. Fogem gradativamente as sombras das avenidas. (...) posso divisar sombras fugitivas nas esquinas dos prédios. Essas sombras crescem, tomam formas humanas e então verifico que são grupos de camisas-verdes que se acham espalhados aqui e acolá, aguardando a hora da cerimônia. Eu, que momentos antes me sentia só, completamente só, agora me sentia diante do Brasil! Frente a frente com a verdade no sentimento de patriotismo (O chefe interrompe o entusiasmo da assistência fazendo sinal). Comecei a divisar grupos que como eu minutos antes se sentiam isolados, completamente sós, como julgavam. (...) Meus camisas-verdes! Quando nos julgamos sós, estamos acompanhados. Parece um paradoxo. O segredo de nossa força reside nesse particular: nós somos fortes porque nós julgamos, nos julgam ou ainda melhor, querem fazer crer que nos julgam fracos. É justamente por esse motivo que nós somos fortes, somos invencíveis. Assim como eu me julguei sozinho na madrugada das matinas, e que na verdade tinha ao meu lado milhares de camisas-verdes, todos os camisas verdes devem sentir-se sós, porque quando eles se julgam sós estarão acompanhados pelo Brasil (palmas, delírio). Assim, quanto mais nos julgarmos sós, maior numero de amigos temos ao nosso lado, maior número de brasileiros... (palmas) maior número de brasileiros formarão

conosco, em busca da salvação da Pátria, para a grandeza de nosso ideal e felicidade do Brasil! (palmas, palmas, delírio)

Meus camisas-verdes, é chegada a hora do ajuste de contas! Eles nos perseguem porque percebem isso e se sentem fracos para enfrentarem o nosso movimento, por isso nos perseguem. Mas eles queiram ou não queiram eu, Plínio Salgado, a frente dos meus soldados do Sigma, combatendo por Deus, pela Pátria e pela Família, havemos de vencer, havemos de triunfar, havemos de tomar conta do poder para o bem da Pátria, felicidade e honra da família brasileira! (palmas. Entre as palmas gritos de "Honra da nacionalidade!", palmas; "Orgulho do século e glória do nosso Brasil!"; palmas e delírio na assistência). (Salgado, 1937)

A repetição pretende ser didática e empolgante. Os apelos à mística, à família, à pátria e a Deus reforçam a sensação de segurança que o discurso pretende transmitir. A superficialidade retórica disfarça a absoluta falta de conteúdo, ao mesmo tempo em que tranqüiliza aqueles que precisam sentir-se pertencentes a um grupo coeso que garantirá a manutenção do existente, livrando-os dos males de mudanças sempre imprevisíveis.

Justamente a vaguidão do discurso permitiu que ele fosse interpretado de diferentes formas, inclusive por um grupo, a meu ver o mais significativo, que chamarei, por analogia ao nazismo, de "plebeu". Enquanto alguns apoiavam o integralismo por seu aspecto negativo (o anticomunismo, o anti-sindicalismo, o não às mudanças) este plebeus foram aqueles que viram no integralismo uma proposta de entender o Brasil a partir de suas raízes nacionais, interpretando o palavreado antiimperialista como garantia da soberania da Nação. (Lembro aqui a proposta anteriormente citada, de Francisco Campos, para a criação de bases para uma política de industrialização.) Esse grupo, a meu ver, foi o que garantiu o crescimento e a combatividade dos militantes integralistas (tais como Belmiro Valverde) e seu crescimento nos meios militares, e também explica o número de intelectuais que militou na AIB ou que com ela simpatizou e que também não tardou muito se afastar de suas fileiras. Podemos citar os mais famosos: Alceu de Amoroso Lima, San Thiago Dantas, Don Helder Câmara, Roland Corbisieu, Nilton Santos, entre outros, cuja posterior militância social esclarece a leitura que fizeram do ideário da AIB.

Outro traço do integralismo foi a pregação da representação da sociedade através do corporativismo:

Como se constrói o Estado Integral?

Organizando-se, antes de tudo, as corporações profissionais; a estas incumbe eleger seus próprios representantes. São estes que escolhem o Chefe da Nação, ao qual deve ser dada completa autoridade. Organizado assim o Estado, este não pode permitir que se formem fora do seu círculo de ação quaisquer forças que o possam ameaçar. Tudo deve ser visionado, vigiado, orientado pelo Estado Integralista. (AIB, s/d, item 13)

O nacionalismo, apesar da importância que teve no ideário integralista, era um nacionalismo afetivo-propagandístico sem qualquer proposta antiimperialista consistente de independência econômica da nação. A pátria exaltada pelos adeptos de Plínio Salgado era uma imagem baseada no ufanismo, nas visões de um paraíso perdido que seria preciso recuperar. Somos os melhores porque somos os melhores, embrião de futuro império e da Quarta – e perfeita – Humanidade. Era preciso defender e exaltar essa “pátria” fantasiada, sem consistência e sem conflitos de classe, contra o demoníaco internacionalismo revolucionário dos bolcheviques.

Como vimos, o imperialismo que os integralistas combatiam não tinha conteúdo econômico, mas “racial”: eram os banqueiros, representantes do judaísmo internacional que deviam ser combatidos. Nada tinha a ver com um sistema econômico, mas com a “maldade congênita de uma raça” – a judia -, embora o anti-semitismo não tenha chegado entre nós a ter as proporções que teve na Europa, por não haver aqui, como houve lá, forte tradição anti-semita. Para preencher a falta de conteúdo econômico e social do nacionalismo integralista, apelava-se ao ritual místico – e mistificador - em torno da pátria.

A falta de consistência no programa integralista, que tornava seus discursos retóricas vazias, exigiu os apelos ao moralismo, à religião e ao misticismo. Tinha-se uma concepção espiritualista da história e afirmava-se que o progresso do espírito humano dar-se-ia pela revolução integralista. Através dela realizar-se-ia a vocação imperial do Brasil e o sonho do império era evocado através da história da Atlântida.

Outra característica dos discursos integralistas, principalmente dos de Plínio Salgado, foi a repetição a que já me referi, e o trabalhar sempre com dicotomias primárias do bem contra o mal, o que dava a seus discursos o caráter de um didatismo enfadonho, mas que surtia efeito entre aqueles que estavam ansiosos

por “compreender” a essencialidade da doutrina. Esta lhes era, então, passada em doses bem simples e repetitivas.

A humanidade integral proposta por Plínio Salgado tinha como núcleo da sociedade a família, que concebia na tradição patriarcal e com seus alicerces fincados na religião. A sociedade integral seria organizada por grupos “naturais”: família, sindicato, unidade política local - daí a importância do corporativismo e do municipalismo, considerado a célula básica do Estado, na organização e na administração nacional. Para Plínio Salgado a base organizativa da sociedade seria “familiar-corporativa”, enquanto que para Miguel Reale seria “sindical-corporativa”.

A religião desempenhava papel de destaque na doutrina integralista. Assim para Gustavo Barroso, o integralismo:

se alicerça, fundamenta e radica no Cristianismo, nas doutrinas sociais e políticas do Cristianismo. [...] atuando em entendimento com as autoridades eclesíásticas para marcar a linha exata de cooperação e colaboração de ambos para a grandeza da pátria, dentro do ideal cristão e suas tradições religiosas”. [...] O integralismo é um movimento cristão [...] tem suas bases filosóficas e morais na doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, nos Evangelhos [...]“...dos três ramos do cristianismo só o catolicismo se pronuncia em matéria social e econômica, expondo a verdade cristã sobre o assunto. Movimento cristão, o integralismo não poderá contrariar os princípios assentados pela Igreja e os integralistas precisam conhecer a augusta palavra de Roma sobre a grave matéria (Barroso, 1937:7;31 e 8)

Os apelos místicos eram freqüentes, no que se aproximavam bastante dos nazi-fascistas:

...mística propositadamente vaga e na qual todos, quaisquer que fossem suas divergências de interesse ou de concepção, se uniam; uma mística graças a qual, segundo palavras de um nacional-socialista, “os numerosos indivíduos da massa se assemelhavam, amalgamando-se numa unidade espiritual, numa união sentimental”.
(Guerin, 1971:62)

O povo brasileiro formaria a Quarta Humanidade. Na Primeira Humanidade o homem achava-se penetrado do sentido profundo do cosmos. Na Segunda, o homem foi iluminado pelo verbo divino. Na Terceira, o homem tornou-se senhor dos elementos e na Quarta, ver-se-ia surgir na América Latina (no Brasil) a raça cósmica, que fecundaria uma nova civilização. Nós éramos o povo eleito, pela

agudeza de nossos instintos (herança do índio); pela bondade extrema dos povos infantis (herança do negro) e pela profunda espiritualidade e tenacidade na luta pela conquista da terra e contra a exploração econômica (herança dos portugueses).

Porque somos uma Humanidade Nova. As Humanidades que nos antecederam procuraram o Infinito no "objetivo". A nossa procura-o no "subjetivo". As primeiras vieram do Universo para o Homem. E, tendo chegado ao Homem, a mais recente Humanidade tratou de dissecá-lo, para lhe estabelecer o seu valor intrínseco. Somos forçados agora a partir do Homem para o Universo; Houve uma marcha do Exterior para o Interior. E o Homem realizou a marcha para o Homem. Essa marcha correspondeu a uma contínua negação do valor da idéia. E foi também um afastamento gradativo de causas primárias. E quando a inteligência chegou à negação total, começou a nascer a Nova Humanidade. Que é a nossa. (...)

Contra essa cruel civilização, que já agoniza nos estertores das crises econômicas, levantar-se-á a nova civilização. Depois da Humanidade Ateísta virá a Humanidade Integralista.

É a "quarta humanidade".

Como um sol que vai nascer, ela já projeta seus primeiros clarões

Uma nova luz se anuncia no mundo.

É a Atlântida que ressurge. (...)

A América do Sul vai erguer-se pelo milagre do Brasil. O Brasil caboclo, o Brasil forte, o Brasil do sertão, o Brasil bárbaro e honesto, num ímpeto selvagem, está se levantando com as novas gerações.

É o despertar de uma Nação.

É um destino que se cumpre.

É a resposta da Atlântida. Não mais a misteriosa terra que emergia no Passado, mas a gloriosa terra que está emergindo no presente para dominar o Futuro, com a força de uma nova civilização. (Salgado, 1955, volume V: 17; 77; 161.)

Gustavo Barroso, em *O Quarto Império*,:anunciava "... O integralismo brasileiro construirá um grande Império, uma grande República Imperial, um grande Império Cristão e sua doutrina integral influirá nos destinos da humanidade". (Barroso, s/d:5)

Da mística integralista, além dos uniformes, das paradas, dos hinos e saudações, faziam parte três manifestações principais: a Vigília da Nação – homenagem ao I Congresso Integralista, em Vitória, a Noite dos Tambores

Silenciosos, comemorando o Manifesto de Outubro de 1932 e as Manhãs de Abril, relembrando o primeiro desfile integralista, em São Paulo. Mas o cimento da doutrina integralista foi o anticomunismo. Havia, por um lado, a tentativa de contrapor-se teoricamente ao marxismo:

O integralismo contesta a concepção materialista da luta de classes. Ao contrário do marxismo, que considera a existência de apenas duas classes (capital e trabalho) (sic), o Integralismo compreende a Sociedade como um conjunto de atividades profissionais em função harmônica. As classes, pois, são números, dividindo-se em três grandes ramos: os trabalhadores do capital; os trabalhadores manuais; os trabalhadores intelectuais. (AIB, s/d, item 17:15)

Mas na prática, o anticomunismo era bastante grosseiro, como mostram os exemplos que se seguem. O primeiro, artigo publicado na *Deutsche Rio-Zeitung*, e muito difundido pelos camisas-verde:

O perigo comunista

O magnífico improviso do major Filinto Müller no dia da Bandeira provocou ecos múltiplos e profundos entre os que, com sinceridade e admiração, acompanham a obra do Chefe de Polícia Número Um do Brasil... (...)

Referiu-se o senhor Filinto Müller a certas atividades sorrateiras, a inimigos mascarados do país, doutrinas exóticas, contra as quais é preciso abrir os olhos.

"Refiro-me aos comunistas – e é preciso acreditar que o perigo comunista é agora maior do que nunca, porque a guerra pode transformar-se, a qualquer momento, em revolução."

Convenhamos que se há um homem autorizado no Brasil para falar ex-cathedra sobre comunismo e o perigo comunista, este é precisamente o senhor Filinto Müller, para quem não há segredo neste particular. A sua palavra, que tem o peso de uma advertência (...) devia ser meditada maduramente pelos que, por motivos os mais diversos, viviam a ignorar o perigo comunista para apontar outro perigo, ou outros perigos, denunciando detalhes e particularidades muitas vezes absurdas, para "provar" estivesse o Brasil na iminência de sossobrar (sic) por causas de perigos que, se é que o são, não tem evidentemente a gravidade do perigo comunista que ronda o Brasil e que se infiltra em todas as camadas do povo. (Deutsche Rio-Zeitung, s/d)

Outro folheto difundido pela AIB chamava-se *Conjuremos a catástrofe*. Entre muitas pérolas, como afirmar que Isidoro Dias Lopes, comandante do movimento tenentista de 1924 em São Paulo, era um bolchevique:

- *É V. Excia. Religioso (católico, evangélico, espírita) e pensa que o comunismo respeitará a religião?*

Na Rússia e no México foram fuziladas dezenas de milhares de homens e mulheres por terem religião.

- *Conhece V. Excia. Uma página de Orsendowski (sic) descrevendo o que foram as primeiras 24 horas da revolução vermelha em Moscou? Procure ler, porque aquelas cenas em que a soldadesca arrastava as jovens burguesas em espetáculo público de degradação devem ser conhecidas dos pais de família.* (AIB, s/d)

4. Algumas lideranças

Miguel Reale foi o teórico do integralismo com um pensamento mais coerente e organizado, enquanto que Gustavo Barroso pautava-se pelo anti-semitismo e Plínio Salgado dava a seus discursos e escritos um caráter místico, exaltado e propagandístico.

As obras políticas de Reale mostram a tentativa de embasar seu pensamento num conhecimento mais sólido, prejudicado, no entanto, pelos pré-conceitos antiliberais e anti-socialistas. Em sua obra da fase que mais me interessa, de 1931 a 1937, Reale procurou descrever o Estado Moderno através de três modelos: o liberalismo, o fascismo e o integralismo. Tratava-se do "naturalismo liberal", do "naturalismo socialista", da "reconstituição do homem" e do "novo humanismo". Reale estuda o que chama de "Estado demo-liberal", e o "fenômeno fascista" para terminar com os "Fundamento do Estado Integral", que defende. (Reale, 1983) Para ele, como para os demais chefes integralistas, a luta de classes não é uma realidade.

A luta de classes é uma criação do governo. Como disse Plínio Salgado na mensagem lida no Congresso Integralista de Vitória, a representação classista na Constituinte, dividida em empregadores e empregados, foi a consagração oficial de dois mundos antagônicos à maneira marxista, o do Capital e o do Trabalho. (Idem:165).

Plínio Salgado, sem dúvida a figura emblemática do integralismo, foi, até 1930, subserviente aos grupos agrários dominantes de São Paulo. Só depois de 1930 esforça-se para aparecer como independente.

Plínio foi dissidente do Partido Republicano Paulista, voltando a ele em 1926 quando, com o apoio de Júlio Prestes, candidatou-se a deputado estadual. Em 1930 foi para a Europa como preceptor de Joaquim Carlos de Souza Aranha e foi na Itália que conheceu e se entusiasmou por Mussolini. "Numa tarde de junho, depois de ter visto toda a Itália Nova, depois de a ter julgado com todo rigor, eu me vi no Palácio Veneza, frente a frente com o gênio criador da política do Futuro". (Carone, 1976 A:204-5)

Voltou da Europa a 4 de outubro de 1930 e, como achava que a oligarquia paulista seria vitoriosa no movimento que se iniciara, escreveu dois artigos enaltecendo-a. Vitorioso o tenentismo em 1930, Plínio aderiu a ele. Em novembro de 1931 dirigiu *A Razão*, com ajuda de San Thiago Dantas e logo depois aderiu à Legião Revolucionária de São Paulo, criada por João Alberto, para a qual apresentou um esboço programático.

No início da década organizou a famosa tómbola para a Cruz Vermelha. Além de várias tramóias (de 600 contos de prêmios, 540 em lotes de terra, no valor quatro vezes maior do que foram pagas) a tómbola não correu e ele e Iracy Igaiara, o tesoureiro, ficam com o dinheiro e com as terras, o que lhe valeu o apelido de Plínio Tómbola.

Em 24 de fevereiro de 1932 Plínio Salgado fundou a Sociedade de Estudos Políticos, SEP. A Sociedade abrigava também liberais que, embora descontentes com a sociedade liberal vigente não chegavam aos extremos do direitismo. Foi a ala pliniana, conservadora, da SEP que se transformou na Ação Integralista Brasileira e foi dessa época o lançamento do jornal *A Ofensiva*.

Plínio foi autor de vários romances e extensa obra política. Em "Para onde vai o Brasil?" diz ele:

O Brasil vai para o Estado Integral, para a destruição de todos os partidos, para a unidade absoluta da Pátria, para a concepção cristã e totalitária da vida. O Brasil vai para uma nova fase da sua história, para a restauração dos valores intelectuais e morais da nacionalidade, para a extinção das oligarquias, dos regionalismos, da hedionda política dos Estados. O Brasil

será integralista. A marcha é fatal, é inexorável. Marcha da mocidade. Movimento glorioso de uma raça que se afirma. (Salgado, 1934:4)

5. Alguns dados de organização

Em 1931 foi lançado o Manifesto da Legião Revolucionária de São Paulo e criada em Fortaleza a Legião Cearense do Trabalho, sob a liderança de Dom Helder Câmara e do então capitão Severino Sombra. A 7 de outubro de 1932 foi fundada a AIB. Para ela convergiram a Legião Cearense do Trabalho, a União Pátria Nova, a Ação Social Brasileira e o Partido Nacional Sindicalista. Cabe notar que Severino Sombra estava nessa ocasião asilado em Portugal, em virtude da sua simpatia pela Revolução Constitucionalista de São Paulo. O militar discordou das pretensões de Plínio Salgado de total liderança sobre a organização e não aceitou a adesão pura e simples da Legião Cearense do Trabalho à AIB. Estando ausente e sendo derrotado em suas opiniões, nunca aderiu formalmente à AIB, com a qual tinha profundas ligações ideológicas.

O Manifesto da AIB foi lançado a 7 de outubro de 1932, no Teatro Municipal da São Paulo. Aderiram ao movimento o mineiro Olbiano de Mello, Don Helder Câmara e o tenente Jeovah Mota (da Legião Cearense do Trabalho), o grupo da revista *Hierarquia*, parte da Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista), a Legião de Outubro e elementos do jornal *A Razão*. Aderiram também vários acadêmicos de Direito, do Recife e da Bahia. Em abril de 1933 entram para a AIB no Distrito Federal, Belmiro Valverde, Antônio Galloti, San Thiago Dantas, Helio Vianna, Américo Jacobina Lacombe entre outros. (Carone, 1976 A:204-6)

A primeira participação integralista nas eleições deu-se em 1933. Os quatro candidatos da AIB receberam 2000 votos. Nas eleições estaduais de 1934, no Estado do Rio, receberam 1.786 em 120.000 votos e não elegeram ninguém. Em São Paulo, com 8.935 votos (2,1% do eleitorado) elegeram um candidato. (Idem:209)

A primeira manifestação pública dos integralistas deu-se a 31 de janeiro de 1933 (um dia depois da subida de Hitler ao poder), no Clube Português de São Paulo, estando presentes Plínio Salgado e Miguel Reale. A 24 de abril fizeram o primeiro desfile da organização, também em São Paulo.

O 1º Congresso Integralista foi realizado em Vitória, a 28 de fevereiro de 1934, posicionando-se pela via insurrecional. Foi no 2º congresso, realizado em Petrópolis, em março de 1936, que os camisas-verde voltaram a se posicionar pela via institucional. Nas eleições de abril de 1935 elegeram João Fairbanks deputado estadual por São Paulo e lançaram o jornal oficial do partido, *O Monitor Integralista*.

Segundo dados de Robert Levine, no final de 1934 a AIB tinha cerca de 180.000 membros; em 1937 possuía 4000 células em 700 municípios e 130 distritos. Diziam ter 400.000 membros mas, segundo o autor, seria melhor considerar 100 ou 200 mil. (Levine, 1980:132-3) Alguns autores dizem que 75% do pessoal da Marinha chegou a estar filiado à AIB. (Idem:139)

6. Antecedentes da AIB

Para fortalecer a hipótese de que a Ação Integralista teve sua base no pensamento de direita na sociedade brasileira, cabe notar a fundação, em 1922, da Legião Cruzeiro do Sul; em 1928, da Ação Imperial Patrionovista; em novembro de 1930 do Partido Fascista Brasileiro; em fevereiro de 1931 da Ação Social Brasileira - Partido Nacional Fascista, fundado por J. Fabrino, em Minas Gerais. Também em 1931 foi fundada a Legião 3 de outubro em Minas Gerais, com Francisco Campos, Gustavo Capanema, Amaro Lanari e o Partido Nacional Sindicalista, por Olbiano de Mello, também em Minas Gerais. A 23 de agosto de 1931 fundou-se a Legião Cearense do Trabalho, pelos já mencionados D. Helder Câmara, e os capitães Severino Sombra e Jeová Motta. A Legião Brasileira do Trabalho é do início de 1932.

Antes das organizações acima mencionadas já existiam no Brasil influentes organizações de cunho nacionalista, com fortes conotações do pensamento da direita, tais como a Liga de Defesa Nacional, fundada a 7 de setembro de 1916, por Pedro Lessa e Miguel Calmon. Em 1917 surgiram a Liga Nacionalista, a Liga do Voto Secreto, Partido da Mocidade e o Centro Nacionalista, todos de estudantes paulistas. Em 1918 foi criado o Partido Municipalista, do qual Plínio Salgado fazia parte. Em 1919 surgiu o grupo Propaganda Nativista, no Rio, fundado por Jackson de Figueiredo e Tasso da Silveira e que tinha Floriano Peixoto como patrono. Em fevereiro de 1920 o conde Afonso Celso e Jackson de Figueiredo criam a Ação Social Nacionalista e em 1922, Jackson de Figueiredo, influenciado por Farias Brito (1861-1917) criou o Centro Don Vital.

Cabe assinalar ainda o Centro Acadêmico Nacionalista, o Partido Republicano Nacional, a Sociedade dos Escoteiros do Brasil, a Liga Nacionalista de São Paulo, o Grêmio Riograndense do Norte e a Liga Nacionalista Riograndense.

Tais grupos contaram com vários periódicos nacionalistas, entre eles, de 1916, a *Revista do Brasil*, de Jackson de Figueiredo, Luiz Pereira Barreto, Júlio Mesquita, Alfredo Pujol e mais tarde Monteiro Lobato. Em 1917/18 a *Braziléa*, de Álvaro Bomilcar e Arnaldo Damasceno Vieira. Em 1919 a revista *Gil Blas* e em 1922 *A Ordem*, de Jackson de Figueiredo.

Na extrema direita citamos *Hierarquia*, no Rio de Janeiro, com, Lourival Fontes; a *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais*, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e *Política*, em São Paulo. A *Ofensiva*, jornal da AIB fundado no Rio de Janeiro a 17 de maio de 1934 e também da AIB a revista *Anauê*, fundada a 1 de janeiro de 1935. (Sadek, 1978:85-6)

7. Como conclusão

Na opinião de Juan Linz:

Como uma resposta mais a uma crise política e cultural do que econômica, o integralismo atrai principalmente intelectuais, profissionais liberais e militares. (...) O integralismo foi uma resposta geracional à crise da República Velha e às revoluções do início dos anos 30. As tensões na sociedade brasileira levaram aquela geração para diferentes canais políticos. Tratava-se mais de uma resposta cultural e política do que de uma expressão de interesses sócio-econômicos específicos. Estas tensões poderiam mobilizar muitos brasileiros, mas não encontraram o tipo de camadas sociais em crise e desesperados violentos que a guerra tinha criado na Europa. (Lins, 1976:141)

Juan Linz tem razão na medida em que salienta o aspecto cultural do integralismo – Plínio Salgado foi um militante da Semana de Arte Moderna, o criador do grupo Verde Amarelo, empolgado com o movimento modernista. Isso levou-o a um anticapitalismo romântico que, na consideração de Lukács, não propõe “uma reconstrução da ordem pré-capitalista, mas um capitalismo política e socialmente reacionário, que ‘absorva’ os restos feudais e os preserve em seu interior”. (Escorsin, 2006:48)

O integralismo conseguiu, pela primeira vez, aglutinar organicamente a direita no país, graças a conjuntura política do início dos anos 30. Até então as várias – na maioria pequenas e frágeis – organizações da direita tentavam dar uma resposta às inquietações das camadas médias urbanas, incluídos os tenentes, que buscavam maior participação política na sociedade e tentavam pensar o país e apresentar soluções em oposição ao movimento operário que crescia e se organizava.

No início dos anos 30 dois fatores propiciaram o surgimento da AIB. Internamente, o crescimento do movimento operário e, principalmente, o protagonismo das posições progressistas, democráticas e próximas do socialismo, dos tenentes que romperam com a Revolução de 1930 e criaram a Aliança Nacional Libertadora. Essas posições ligavam-se ao antifascismo internacional, colocavam um antiimperialismo conseqüente e pretendiam acabar com o latifúndio no país, palavras de ordem que eram também dos comunistas e os levava à cena política, representados pelo Cavaleiro da Esperança, Luiz Carlos Prestes.

Externamente, a crise de 1929, a descrença que se generalizou contra a democracia liberal (uma vez que a econômica mostrara-se falida), a ascensão do nazismo e o culto ao estatismo autoritário foram o terreno fértil para o surgimento e crescimento da AIB, tudo isso bem adubado pelo anticomunismo que crescia desde 1917.

Mas é preciso levar em conta que o integralismo, apesar das semelhanças, de suas claras simpatias e de suas vinculações com a direita internacional, foi também uma tentativa – lançada no bojo dos movimentos contestatários gestados na década de 20 - de pensar um projeto integral de desenvolvimento para o Brasil. O aspecto nacional e antiimperialista de seu programa que serviu de principal alavanca para o crescimento da AIB, empolgou setores da sociedade que, interessados em mudanças que fortalecessem o país como nação, e sem aceitar o socialismo, acreditaram nas propostas da AIB.

Já mencionamos a opinião de Lukács sobre o anticapitalismo romântico, que o filósofo húngaro considera fadado ao reacionarismo. No entanto Michael Löwy tem sobre o assunto posição mais refinada. Para ele, o anticapitalismo romântico é uma crítica radical à sociedade burguesa, que pode ser tanto conservadora quanto revolucionária. (Löwy, 1990:36-7)

Sempre frisando que o integralismo foi essencialmente uma doutrina e uma organização da extrema direita irracional e mistificadora, penso que se deve levar em conta também aspectos que integraram essa doutrina e que deram margem para adesões de grupos que não tinham uma perspectiva necessariamente de extrema direita. E nesse sentido estou totalmente de acordo com Antônio Cândido quando este diz, sobre os integralistas:

... Nós os reputávamos representantes de uma filosofia política e social perniciosa, sendo, como era, manifestação local do fascismo. No entanto, a distância mostra que o integralismo foi, para vários jovens, mais do que um fanatismo e uma forma de resistência reacionária. Foi um tipo de interesse fecundo pelas coisas brasileiras, uma tentativa de substituir a platibanda liberalóide por algo mais vivo. Isso explica o número de integralistas que foram transitando para posições de esquerda – da cisão precoce de Jeová Mota às abjurações do decênio de 1940, durante a guerra e depois dela. Cândido, 1995:12)

Para que se possa entender a grande adesão à AIB, na primeira metade dos anos 30, é preciso levar em conta o que diz Antônio Cândido. Os apelos nacionalistas dos integralistas calaram fundo em muitos – em especial entre a intelectualidade e os militares – que queriam entender o Brasil para mudá-lo, rejeitando o socialismo, mas descontentes com “a platibanda liberalóide”.

A direita no Brasil, os integralistas, no caso, soube, muito mais do que a esquerda (socialistas e comunistas), empolgar setores populares. Penso que isso se deveu a dois fatores principais. Primeiro, os integralistas não tiveram o menor escrúpulo em utilizar misticismos e rituais (uniformes, hinos, paradas, religiosidade) que carregavam forte apelo emocional, empolgando setores menos politizados da população. Por outro lado os comunistas negavam-se a lançar mão de tais apelos, expressando-se através de discursos racionais e com bases científicas, mas sem conseguir superar uma linguagem formal, muitas vezes incompreensível e distante da realidade intelectual daqueles a quem se dirigia. Não foi capaz – situação que não conseguiu superar – chegar ao coração das massas.

ALGUMAS INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

AIB, *Conjuremos a catástrofe*. Jaboticabal:Departamento de publicidade da AIB, s/d
AIB, *Manual do Integralista*, folheto sem data, p. 14, item 17º.

- ANSART, Pierre. *Les idéologies politiques*. Paris, Presses Universitaires de France, 1974.
- ANTOINE, Ch. Pe. *O integralismo brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- ARAÚJO, R.B. de. *Totalitarismo e revolução*. O integralismo de Plínio Salgado. RJ, Jorge Zahar, 1988.
- BARROSO, Gustavo. *Integralismo e catolicismo*, Rio de Janeiro:ABC, 1937.
- _____. *O Quarto Império*. Rio de Janeiro, s/ed e s/d.
- BEIRED, J.L.B. *Sob o signo da nova ordem, intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo, Loyola, 1999.
- CAMPOS, Francisco, *O Estado nacional, sua estrutura e seu conteúdo ideológico*. Rio de Janeiro:José Olymio, 1940.
- CÂNDIDO, Antônio. Prefácio a HOLANDA, Sérgio, Buarque de. *Raízes do Brasil*, 26ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- CARONE, E. *A Primeira República*. São Paulo, DEL. 1969.
- _____. *A República Velha*, 2 vols. São Paulo, DEL. 1971-2.
- _____. *A República Nova - 1930-1937*. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL, 1976-A.
- _____. *A Terceira República - 1937-1945*. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL. 1976-B.
- _____. *A Segunda República*. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL. 1978.
- CARNEIRO, M. L. Tucci. *O Anti-Semitismo na Era Vargas: 1930-1945*. São Paulo, Brasiliense. 1988.
- CAVALARI, R.M.F. *Integralismo, ideologia e organização de um partido de massa no Brasil, 1932-1937*. Edusc, Bauru, 1999.
- CHASIN, J. *O integralismo de Plínio Salgado - forma de regressividade do capitalismo híper-tardio*. 2ª. ed., Belo Horizonte:UMA/São Paulo:Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.
- CHAUI, Marilena e FRANCO, Maria Sílvia de C.. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, 2ª ed.
- DEUTSCHE-ZEITUNG, s/d, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, pasta IJI, 1363.
- DIRETRIZES. *A história do nazismo em São Paulo*, maio, 1942.
- DUTRA,Eliana, *O ardil totalitário - Imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro:UFRJ/Belo Horizonte:UFMG, 1997.
- ESCORSIM, Leila. *Mariátégui, vida e obra*. São Paulo, Expressão Popular, 2006.
- ESTATUTOS DA AIB. *Do chefe Nacional. Reconhecimento e proclamação pelo 1º Congresso Integralista Brasileiro*, em Vitória, aos 3 de março de 1934.
- FONTES, J.S.L. *Razão e fé em Jackson de Figueiredo*. Aracajú, EDUFS, 1998.

- GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil - germanismo - nazismo - integralismo*. Porto Alegre, Mercado Aberto. 1987.
- GIRON, L.S. "O fascismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul", in *História, ensino & pesquisa*. V.1. Nº 3. Porto Alegre, Mercado Aberto. 1986.
- GUELFY, M.L. *Novíssima: Estética e Ideologia na Década de 20*. São Paulo, IEB/USP, 1987.
- GUERIN, Daniel. *Fascisme et gran capital*. Paris:Maspero, 1971.
- HELLER, Agnes. *Cotidiano e a História*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- HIERARQUIA. Rio de Janeiro, 4 vols. 1931-2.
- HILTON,S. *Suástica sobre o Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1977.
- _____. *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1983.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 26 ed.
- LEVINE, Robert, *O regime de Vargas, 1934-38*. Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 1980.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. *A presença de Alberto Torres*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- LINZ, Juan. "O integralismo e o fascismo internacional", In Revista IFCH,V,1976.
- LÖWY, Michael. *Romantismo e messianismo*. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1990.
- MANNHEIN, Karl, *Ideologia e utopia*, Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro, 2ª edição, Rio de Janeiro:Zahar, 1972.
- MEDEIROS, J. *Ideologia Autoritária no Brasil - 1930-1945*. Rio de Janeiro, FGV, 1978.
- MERCADANTE, P. *A Consciência Conservadora no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2a. ed. 1972.
- NEHAB, Werner. *Anti-semitismo, integralismo, neo-nazismo*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1988.
- PADILHA, R. *O Integralismo e o Partido de Representação Popular*. Rio de Janeiro, s/e. 1946.
- RAMALHO, L.C e CAMPOS, J.M.D. *Integralismo*. Niterói: Secretaria de Estado de Justiça, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. 1995.
- REALE, Miguel. "Synthese da doutrina integralista". *Revista Brasileira Synthese do Movimento Contemporâneo* Nº 7, março de 1935.
- _____. *A posição do integralismo. Estudo do presidente da Comissão de Doutrina*. s/l, s/ed., s/d.
- _____. *Obras Políticas*, 3 vol. Brasília:UNB, 1983.

REVISTA Brasileira de Estudos Políticos, N.38, Minas Gerais, janeiro. 1974.

RIBEIRO JR., J. "Elementos para a história do nazismo no Brasil", in *Notícia Bibliográfica e histórica*, Ano XIX, nº127, Campinas, julho/setembro. 1987.

SADEK, M.T.A. *Machiavel, machiavéis: a tragédia octaviana*. São Paulo, Símbolo, 1978.

SALGADO, Plínio. *Psicologia da revolução*, Rio de Janeiro. Civilização Brasileira S.A, 1933.

_____. *Para onde vai o Brasil*, folheto, 1934.

_____. *Conferência do Chefe Nacional* realizada no Instituto Nacional de Música a 24 de maio de 1937.

_____. *O integralismo perante a nação*. 2ª edição com documentos. Rio de Janeiro, Livraria Clássica, 1950.

_____. *Obras completas*. São Paulo, Editora das Américas, 1955. 22 Volumes.

_____. *O livro verde da minha campanha*. 2ª edição Rio de Janeiro, Livraria Clássica, 1956.

_____. *No ritmo da história*, 3ª.ed. São Paulo, Voz do Oeste/INL-MEC, 1978.

_____. *Geografia sentimental*. 4ª ed. Fac-similar da Príncipe. São Paulo:Voz do Oeste:Brasília:INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

SCHWARTZMAN, S. *Bases do autoritarismo brasileiro*. Brasília, Editora da UB, 1982.

SILVA, C. Calil (org.) *Velhos integralistas. A memória dos militantes do Sigma*. Porto Alegre, OPUCRS, 2000.

SILVA, E. *Terrorismo em campo verde - 1938*. O Ciclo de Vargas, vol. X. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1971.

SILVA, Ricardo. *Ideologia do estado autoritário no Brasil*. Chapecó, Argos, 2004.

TAVARES, José Nilo. *Autoritarismo e dependência: Oliveira Vianna e Alberto Torres*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1979.

TORRES, A. *O Problema Nacional Brasileiro* 3a.ed. São Paulo, CEN/Brasília, INL. 1978.

_____. *A Organização Nacional*. São Paulo, CEN. 1938.

TORRES, J.C.O. *Interpretação da Realidade Brasileira – Introdução à história das idéias políticas no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio/Brasília, INL. 1973.

TRINDADE, H. *O Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. Rio de Janeiro/São Paulo, Difel. 1979.

_____. "Integralismo: Teoria e praxis política nos anos 30" In FAUSTO, Boris, *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III, *O Brasil republicano*, volume 3, Sociedade e política,(1930-1964) São Paulo, Difel, 1981.

VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Currupira, análise do discurso integralista*. São Paulo:Brasiliense, 1979.

VIANNA, M. *Revolucionários de 1935 - sonho e realidade*. São Paulo, Companhia das Letras. 1992.

VIANNA, O. *Introdução à História Social da Economia Pré-Capitalista no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio. 1958.

_____. *Problemas de Organização e Problemas de Direção*. Rio de Janeiro, José Olympio. 1952.

_____. *Raça e Assimilação*. São Paulo, CEN. 1932.

RESUMO:

O texto pretende salientar alguns aspectos ideológicos da Ação Integralista Brasileira, sugerindo principalmente a ambigüidade de suas colocações programáticas, do que resultou várias leituras do ideário integralista e a diversidade de seus adeptos.

PALAVRAS-CHAVE: integralismo, ideologia, pensamento conservador.

* Professora aposentada da UFSCar, professora do Mestrado em História da UNIVERSO, onde leciona e pesquisa na área de Ideologia e política. Autora de *Revolucionários de 1935, sonho e realidade*, São Paulo:Companhia das Letras, 1992; segunda edição, São Paulo:Expressão Popular, 2007; *Política e rebelião nos anos 30*, São Paulo:Moderna, 1995. Organizadora da coletânea *Pão, Terra e Liberdade*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, SãoCarlos:EDUFSCar, 1995 entre outros.